

PT insistirá em aliança no Rio Grande do Sul

Presidente regional do PDT afirma que não existem mais chances de uma composição

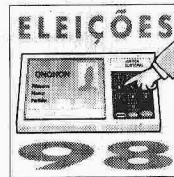
AYRTON CENTENO

PORTO ALEGRE – As palavras duras proferidas ontem pelo presidente nacional do PDT, o ex-governador Leonel Brizola, ameaçando com o fim da união das oposições na disputa eleitoral, não desanimaram o PT gaúcho na luta pela aliança regional com o PDT. Mesmo admitindo que “tudo ficou muito mais complicado”, os petistas acreditam que ainda é

possível garantir o respaldo do PDT a seu candidato ao governo do Rio Grande do Sul, o ex-prefeito de Porto Alegre Olívio Dutra.

“Vai ser muito ruim ver toda a direita unida em torno do governador Antônio Britto e nós fracionados do outro lado”, avaliou ontem o presidente do diretório regional do PT, Júlio Quadros. Ele fazia referência à coligação entre PPB, PFL e PTB

no Rio Grande do Sul, que vai apoiar a candidatura de Britto, do PMDB, à reeleição.



DIVISÃO DA
ESQUERDA PODE
BENEFICIAR
BRITTO

O prefeito de Porto Alegre, o petista Raul Pont, acha que ainda é possível superar as dificuldades criadas pela recusa do diretório do Rio de ligar-se ao PDT. “O episódio não foi tão forte a ponto de comprometer as alianças em outros Estados e muito menos a candidatura do partido à Presidência da

República”, argumentou.

Defensor da coligação no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, Raul Pont lamentou a decisão do diretório do PT fluminense, que no domingo acatou a posição da facção dos partidários do ex-deputado Vladimir Palmeira e decidiu escolhê-lo candidato ao governo, em vez de apoiar o pedetista Anthony Garotinho. “Infelizmente aconteceu, mas não podemos retirar a legitimidade do que foi votado”, disse.

Sem condições – O presidente regional do PDT, Sereno Chaise, que sempre foi favorável a uma chapa conjunta no Rio Grande do Sul, afirmou que não existem mais condições de defender uma união depois do veto à candidatura de Anthony Garotinho. Brizola vinha negociando o apoio do PDT ao candidato do PT no Rio Grande do Sul, mas queria uma contrapartida no Rio.

Para Olívio Dutra, a decisão do diretório do Rio foi um equívoco muito grande. “O Palácio do Planalto e o Palácio Piratini estão batendo palmas”, disse. Mesmo assim, o candidato petista propôs a continuidade das conversações, tese que tem o apoio do também ex-prefeito de Porto Alegre Tarso Genro.

Na análise de políticos locais,



o episódio do Rio agradou ao ex-governador pedetista Alceu Collares. Ele nunca aceitou a aliança com o PT, partido que mais criticou o seu governo. Na mesma situação estão cerca de 30 prefeitos do PDT que sempre enfrentaram os petistas em disputas pesadas em suas cidades. Para esses prefeitos, o partido deve lançar a senadora Emília Fernandes (PDT-RS) para concorrer com Olívio Dutra e Britto.

No PT, quem ganha com a situação é apenas o pequeno grupo da deputada estadual Luciana Genro, que nunca admitiu a

aproximação das duas siglas no Estado. Perdem Olívio Dutra e o próprio PT, que ficam sem oportunidade de entrar em muitas comunidades do interior dirigidas por prefeitos pedetistas. Para a coligação que apóia Britto, a divisão das oposições pode fortalecer o candidato do PMDB.

Espaço – “Quem perde mais é o PDT”, acredita a professora Celi Pinto, do curso de pós-graduação de Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). “Aqui no Estado, o partido de esquerda po-

pulista já perdeu espaço à esquerda para o PT e, pelo lado populista, para o PTB”, comentou ela. O PT também sofre prejuízos, na sua avaliação. “O partido expõe para a sociedade uma divisão interna, o que é ruim.”

Mas, de acordo com Celi, o fim da aliança tem menos importância do que parece neste momento. “O Anthony Garotinho vai ganhar mesmo no Rio e, no Rio Grande do Sul, o quadro já está polarizado entre Dutra e Britto, o que não deve mudar com uma segunda candidatura de esquerda”, argumentou.